

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COMUNICAÇÃO SOCIAL (JORNALISMO)

PROJETOS EXPERIMENTAIS

RELATÓRIO

ALUNO: LUCIENE GUIMARÃES ABDO

MATRÍCULA: 8518318=0

PRISÃO: OS NÚMEROS POR TRÁS DAS GRADES

Florianópolis, Dezembro/89

Quando comecei a procurar um tema para o meu trabalho, foi que me dei conta que desde criança gostava de rádio e descobri que gostava ainda mais do desconhecido. Tudo o que é pouco divulgado ou que cheira perigo me fascina. É nada mais perigoso e desconhecido do que uma penitenciária. Lá dentro estão todas as pessoas que, supostamente, cometeram um crime grave e foram julgadas e sentenciadas com pena de reclusão.

É interessante procurar saber o porquê daquilo ou o que o sentenciado pensa da vida. O que passa na cabeça dele no dia a dia? Será que ele vai voltar para o crime, será que é tão ruim assim ficar preso? Como são as 24 horas dele, será que eles amam alguma coisa? Será que recebem ajuda de alguém?

O que envolve a penitenciária? Ou o que a penitenciária envolve? O que acontece atrás daqueles altos muros numa região tão privilegiada? Um prédio com tantas portas, tão antigo, esconde o quê?

Eu nunca pensei que fosse uma coisa tão complicada entrar numa instituição fechada, conseguir descrever o seu funcionamento. Uma instituição como a penitenciária com todo o seu cronograma, me confundiu. Eu sabia que ali dentro o cargo máximo é a diretoria geral, por isto tentei começar o trabalho por lá. Precisava de uma carta de encaminhamento da faculdade para ter "livre" acesso às dependências.

A primeira sensação que tive quando fui comunicar ao diretor a minha intenção de fazer o trabalho, é que ele não me daria nenhuma liberdade. A primeira conversa foi super fria e profissional, eu estava invadindo a instituição que ele dirigia e ninguém gostava de ter os ruínas postos para fora. Me enganei. Desconfiada da disposição do diretor. Fiz questão de deixar bem claro que o trabalho seria descritivo, não iria interferir na estrutura da penitenciária. Foi aí que ele pediu a carta de apresentação. Nesta época, já estava com o projeto encaminhado e já tinha professor orientador na área de rádio.

A burocracia é muito grande dentro da penitenciária e cada vez que entrava, tinha a impressão (e mais tarde confirmei) que toda vez que chegava, todo o sistema (no que interessava pelo menos à

segurança) já sabia da minha presença. Tudo era informado pelo interfone.

É uma sensação estranha. Eu chegava na portaria, dava o nome, dizia que ia falar com o diretor, deixava a carteira de identidade e pegava crachá e um passe de visita que guardava na agenda. Depois de várias visitas, descobri que o passe deveria ser assinado por alguém do setor de segurança. Foi quando comecei a passar por este setor e pegar o visto.

Minha primeira entrevista foi com o Dr. Gentil, na época o diretor da penitenciária (06/10). Ele me explicou, por cima, todo o sistema, os tipos de regime e a rotina dos presos. A partir daí, seria mais fácil continuar o trabalho, já que eu tinha a base, (Antes já tinha lido livros sobre penitenciárias de São Paulo e Rio). Mas a penitenciária é toda diferente daquelas dos livros. Pelo menos na aparência. Fiquei curiosa para saber no que mais, conhecer o sistema de trabalho. Seria muito interessante fazer visitas na parte interna (regime fechado) e externa (regime semi-aberto) para fazer a parte descritiva e já ir vendo como é a vida dos presos.

Esta visita foi feita apenas na parte interna. O que mais me impressionou foi a idade dos presos. Como são novos! Eles estavam voltando do pátio e eu estava no quadrante central - um quadrado de grades abrangendo os três andares de galerias, de onde dá para ver todos os corredores e portas das celas - acompanhada pelo substituto do chefe de segurança. Ele foi comigo em quase todos os setores.

Quando comecei a me empolgar com o trabalho e ia começar as entrevistas com os presos e funcionários, a direção da penitenciária foi mudada. Saiu Dr. Gentil e entrou o Diretor penal, Dr. Sala. Isto me esfriou o trabalho. Como toda mudança é difícil, meu trabalho ficou um pouco prejudicado. Eu deveria ganhar a confiança do novo diretor e teria que lhe pedir (de novo) para fazer o trabalho e recomeçar tudo. Os primeiros 15 dias da mudança ele nunca podia me atender por estar sempre ocupado com reuniões. Depois vieram os feriados de fim de ano e ele nunca estava. O clima de proibido estava no ar. Pensei em desistir do trabalho, o que seria uma loucura! Faltando dois meses para acabar o semestre, eu fazer tudo de novo com outro trabalho: preparar projeto, orientador, base bibliográfica. Eu já estava com o esque

na do trabalho montado. Seria me preparar de novo. Esperei a poeira baixar e fiquei na cola do diretor. Dia 7 de novembro foi o meu primeiro contato com ele, que me pareceu bem acessível. Disse que eu poderia falar com quem quisesse e pudesse e que eu escolheria os nomes para entrevistas.

Nesta época, descobri um trabalho sobre o sistema penal do estado na biblioteca da Universidade e comecei a basear nele para saber por onde começar as minhas entrevistas. Ia para a penitenciária, mas não conseguia falar com os presos, eles me pediam para deixar para amanhã e eu deixava. A impressão era que o diretor não se dispunha a me ajudar e sem ele não teria acesso a nada. Eu estava com medo de começar as entrevistas. Nesta fase senti falta de um empurrãozinho. Comecei a pedir ajuda para todos que eu conhecia. Escondido da direção, fui falar com o sentenciado que cuidava do show-room (a loja na parte externa que vende os objetos feitos nas oficinas da penitenciária). Ele me deu entrevista, mas estava todo assustado - um olho em mim e o outro nos funcionários - e eu também estava. Não sabia se ele me diria tudo o que eu perguntasse. Não sabia, ao menos, como perguntar as coisas da vida dele. Acho que foi a entrevista mais difícil, talvez por ser a primeira, ou quem sabe, seria a última (eu estava ali sem autorização do diretor). Era um pouco de invasão da privacidade, apesar de os presos não terem nenhuma, já que tudo o que fazem é inspecionado. Em véspera de eleição, o assunto por aí seria um gancho para os planos e a vida dentro de um presídio.

Na mesma semana, voltei e falei com o preso que serve cafezinho no prédio da administração. Falei com ele na sala ao lado da sala do diretor - que podia ouvir tudo. Como para este preso também a vida não era tão ruim. Falei com o orientador que me disse para não chegar sempre da direção para as entrevistas. Fui procurar o padre para me ajudar, ele passou a bola pra frente porque achou que eu queria a confissão dos presos. Nesta época fui informada que poderia também procurar os ex-sentenciados nos morros da capital. Os que consegui, não quiseram falar nada alegando que não gostavam de relembrar esta fase da vida. Eu só consegui a mãe de um ex-detento, o que não ajudou tanto.

Aí então, fui procurar as assistentes sociais. Foi o melhor que eu fiz. Marquei entrevistas com elas para o dia 22. Neste dia, passei meu plano de trabalho para elas que prometeram me ajudar com nomes de detentos mais desenvolvidos, funcionários e outros profissionais. Desta entrevista, eu já desci com nomes dos internos. Recomeçaram os problemas. O chefe de segurança me proibiu de falar com alguns destes presos, disse que não se responsabilizaria por eu estar lá, que eu era alienada e que não sabia com o que eu estava mexendo. Ele não me desencorajou, mas poderia ficar como refém ou nem sair. Disse que também eu era louca. Eu desisti da entrevista com o interno e falei, neste dia com um preso, do semi-aberto, mas na parte interna. Foi no parlartório, onde as assistentes fazem o atendimento a eles. Ficamos eu e o preso, cara a cara numa sala com a porta fechada. Eu estava apavorada mesmo que o guarda passasse pelo corredor de vez em quando para dar uma olhada. Eu pedi que o preso ficasse de costas para a porta já que assim não teria controle sobre o movimento externo e poderia me falar mais coisas. O pior é que o preso percebeu o meu pavor (ou medinho) e me perguntou se eu tinha medo dele. Também era um homem enorme, há 6 anos na penitenciária e roubava desde os 8 (ele tem 26), É falante, que disse até coisa demais dando a impressão de estar aumentando os fatos. Como primeira entrevista trancada, foi muito boa! Eu estava conseguindo transpor os meus medos de fazer um trabalho sozinha.

Os problemas com o chefe de segurança aumentaram. Quando o diretor não estava, ele não me deixava usar gravador ou sequer papel e caneta. Ele ficou possesso quando eu disse que tinha o mapa da penitenciária. Eu fui totalmente proibida por ele de entrar nas galerias do regime fechado e na parte do semi-aberto, nenhum guarda me acompanharia a nenhuma parte. Eu tinha conseguido a amizade (ou confiança) do diretor geral para fazer o trabalho. E ele me autorizou a falar com dois presos que trabalhavam no setor administrativo e um (o único) do regime fechado que conseguiu o nome com as assistentes.

A segunda visita feita nas galerias do regime fechado foi com a companhia do diretor, justamente pelo problema com a segurança e acrescido de outro: a fuga de um detento do regime fechado, no dia anterior, no horário em que eu fazia a entrevista com Américo, o preso do regime fechado, que estava algemado. Foi ele quem me disse que é revoltante: dentro das galerias, eles andam livres e quando sa

em, são algemados.

Fiz entrevistas com funcionários e todos eles sabiam quem eu era. Inclusive, os sentenciados sabiam, pois vários me perguntaram se eu era "a repórter que estava fazendo um trabalho". Nesta segunda visita eu já estava mais acostumada com o regime fechado. O que mais chamou a atenção foi o setor de isolamento, que fica na parte mais afastada do regime fechado. Ela é separada por um portão de grades e outro de aço. São cinco celas com pouca ventilação e nenhum sol. É deprimente.

Outra coisa que me chamou a atenção foi os presos no pátio. Parece código, mas todos sabiam que eu estava dentro. Correram todos para os portões do pátio quando eu ali passar. Entrei dentro de uma cela e a sensação não é das melhores. Não tem nada pessoal dentro.

Na parte do regime semi-aberto é mais agradável. Eles estão soltos pelo pátio. Nos alojamentos, tem vários objetos particulares. São várias fotos de mulheres nuas e times de futebol. Tem barbearia, biblioteca, capela e campo de futebol usado pelos presos nos finais de semana.

A visita às colônias é uma coisa diferente. Parece que se está em uma fazenda comum. Não parece que são presos. A extensão de terra das duas colônias é uma coisa quase inexplicável, é de perder de vista. A vontade é sair correndo, sentindo a liberdade.

Um outro problema foi com alguns entrevistados. A Polícia Militar não pôde dizer muita coisa e eu tive que pedir autorização com o comandante e depois fazer outra entrevista com os tenentes e o capitão. A responsável pela escola não se encontrava à tarde. Como eu trabalhava, não podia ir de manhã falar com ela.

Com os outros, não tive maiores problemas. Inclusive quando estava no final do trabalho, todos me cumprimentavam e brincavam comigo, inclusive os sentenciados.

O que poderia ser o mais grave de todos os problemas, foi contornado com a ajuda de amigos da televisão e da rádio Barriga Verde. Como eu passei as últimas 3 semanas indo direto à penitenciária todas as tardes, não dava tempo de ir ao curso para marcar horário no laboratório de áudio. Eu saía da penitenciária e ia para a aula de Inglês, sem tempo de ir à faculdade.

A dois dias de entregar o projeto e apresentá-lo à banca, me deixaram e me ajudaram a gravar, editar e montar todo o programa.

Os problemas, sei que são normais. A experiência valeu. A partir deste projeto, sei que posso fazer algum outro programa de áudio que aparecer ou que eu descobrir. Pessoalmente o que me incomoda é que não sei se posso me envolver com o sistema ou com os sentenciados, e as assistentes me cobraram esta posição: "você não pode, agora é nos abandonar..."